

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO DE SÃO PAULO

o controle de toda região desapareceu; nenhuma outra presença nem mesmo da União, do Estado ou da própria Funai poderia sustentar o avanço indiscriminado na região do Rio Peixoto de Azevedo; quando nós tivemos notícia do desaparecimento de mais metade do grupo Panará, cabia-nos um movimento qualquer de salvção dos remanescentes; dos 240 índios do começo, restavam apenas 80; para socorrer esses remanescentes entramos em contato com o Ministério da Aeronáutica e com a Escola Paulista de Medicina de São Paulista, digo, de São, como movimento de salvção, trazendo-os para o parque do Xingu; nós no momento atração, com a nossa presença, não se registrou nenhum óbito; isto só começou a acontecer depois de concretizada a invasão; o nosso movimento recolhendo no parque os remanescentes Panará, outros problemas surgiram, pois dentro da nossa área, em contato com outros índios, os Panará encontraram um habit ideal que eles haviam sonhado, digo, não encontraram um habitat ideal que eles haviam sonhado; a vinda dos índios do Rio Peixoto de Azevedo para o Xingu foi através de dois aviões cedidos pelo Ministério da Aeronáutica, e com a presença de dez médicos da Escola Paulista de Medicina, no atendimento àqueles que já vinham doentes da sua área antiga; voltando à situação incômoda dos Panará dentro da área xinguana, foi em consequência de um desentendido, por não conhecerem eles a fala dos índios Caiabi, seus anfitriões, e nem os Caiabi da fala dos Panará; o fato deu origem a esse desentendimento e, digo, foi tão somente por estar os índios Panará estarem assando mandioca brava para sua alimentação sem conhecer de forma alguma o perigo de uma ingestão dessa natureza, considerando que a mandioca brava contém ácido cianídrico (ácido prúcido) e que a força desse ácido é eliminada após algumas horas de fervura; se eles tivessem gerido essa mandioca assada, fatalmente teriam morrido; impedidos pelos índios Caiabi que tal coisa fosse feita, os Panará tomaram como ato de hostilidade o fato de seus anfitriões terem jogado no rio tudo aqueles que eles terem pensado em se alimentar; essa indisposição dos índios Panará com a área Xinguana constituiu uma condição incômoda dentro da qual jamais puderam se habituar, daí a vontade que sempre tiveram de voltar a sua



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO DE SÃO PAULO

os donos milenares da região, embora possamos afirmar que se torna totalmente impossível à União, ao Estado e qualquer um dos seus órgãos dependentes evitar os males intransponíveis acarretados por uma invasão; na história do Brasil Central tivemos um exemplo de que um determinado controle poderia ser exercido; a Fundação Brasil Central caminhou com sua expedição roncador Xingu, na sua falsa margem para o Oeste, nenhum atrito com índio, cortando regiões indígenas e deixando no rastro da sua caminhada quarenta e quatro cidades; tudo isso claro por toda sua moviemantação que sempre esteve sob a superintendência de uma presidência planejada, ordenada que era a da Fundação Brasil Central; Dada a palavra ao Advogado da Comunidade Indígena Panará, às reperguntas disse: Q, digo, Convém esclarecer que a medida em que foi acontecendo o nosso contato com os índios arredios Panará, nós solicitávamos da Escola Paulista de Medicina a presença de médicos toda vez que víamos que a comunidade estava sendo ameaçada por alguma coisa, logo nos primeiros sintomas de gripe nós tivemos a presença do médico, Dr. Rubens Belford de Matos Júnior, hoje titular da Oftalmologia da Escola Paulista de Medicina; Dr. Luiz Felipe Westing de Vasconcelos, professor da Faculdade de Medicina de Jundiaí, Dr. Laércio Franco, hoje titular da cadeira de Medicina Preventiva da Faculdade Paulista de Medicina, todos eles pertencentes ao quadro da Escola Paulista de Medicina, e nosso empenho no campo da saúde estava sempre presente, é testemunhado pelo fato de na remoção dos remanescentes Panará para a área Xinguana, tínhamos a presença em nosso posto de Diauarum, dez professores da Escola Paulista de Medicina, porque como já foi dito dois aviões C47, de trinta passageiros cada um, com uma equipe do Ministério da Aeronáutica, para testemunhar a nossa preocupação nesse sentido com relação ao nosso índio, lembramos que em comemoração recente marcamos 30 anos de convênio com a Escola Paulista de Medicina e este convênio permanece até hoje; convém esclarecer que se alguma vez o Parque Nacional do Xingu e, principalmente, os índios do Peixoto de Azevedo, não sentiu a presença de médicos deve-se a isso não a negligência da Escola Paulista de Medicina, mas sim pela indiferença daqueles que nos substituíram; convém que fique anotado que durante a nossa permanência junto aos índios do Rio Peixoto de Azevedo sempre

[Handwritten signature]

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO DE SÃO PAULO

Índios Juruno do baixo Xingu, e ainda a transferência de 360 índios Caiabi do Rio São Manuel que hoje contam no Xingu com nada menos de 800 criaturas; convencidos de que o Parque poderia oferecer uma segurança aos Panará como ofereceu às tribos que acabamos de citar, foi que deliberamos com aquiescência da Funai, com aquiescência do Ministério do Interior da época, com o concordado do Ministério da Aeronáutica e com a presença de Médicos da Escola Paulista de Medicina, desencadear o movimento de salvação dos remanescentes Panará; se a sua permanência no Xingu pra eles não foi das melhores já relatamos as circunstâncias que fizeram com que eles se indispussem com seus anfitriões Caiabi; num rio que da cabeceira a foz não vai além de 250 Km e que era todo ele dominado pelos índios Panará e que passaram a ser indiscriminadamente invadidos por dezenas de milhares de garimpeiros, não encontraríamos de forma alguma dentro da mesma região uma área que pudesse receber os remanescentes Panará; não consultamos o Sr. presidente da república, mesmo porque não sabemos se ele sabe se índio existe, porque se soubesse ele teria nos longos períodos do seu comando dado ao índio aquilo o que a Constituição determina que se dê; quando os índios foram removidos para o Xingu fomos oferecida uma aldeia próxima do posto de administração, uma aldeia rica de alimentação, rica em peixe, rica em caça, mas que por desentendimento com seus anfitriões caiu por água abaixo: os índios txukarraman, parentes longínquos dos Panará, os convidaram a ir para a sua aldeia, os Panará aceitaram; se lá o seu convívio foi malgrado isso naturalmente fugiu e fugirá da intervenção de quem quer que seja; não convém esquecer de que a Funai vem desde a morte de Rondon sendo um órgão esquecido do Poder Público, a Funai não dispunha; digo, quando ehouve o desentendimento entre os Panará e os índios Caiabi, os índios txukarraman sabedores disso e usando a alternativa de serem parentes convenceram os Panará a irem morar com eles; não houve e nem caberia à Funai e aos encarregados do posto intervir no relacionamento de índio com índio; o convívio Panará/Txukarraman começou a se deteriorar depois de alguns meses; a aldeia txukarraman jamais foi imposta aos índios Panará; foi uma opção puramente sua quando viu que as suas relações com os seus anfitriões Caiabi tinha chegado a um impasse; os Panará, creio que até hoje não tenham compreendido a ação dos



75.156620
739
Subscre

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

gas da mata, foi quando surgiram os primeiros conflitos de índios com o invasor; no fim do século passado o índio não tinha o amparo das nossas leis, foi organizado pelo império uma lei que chamava de proteção aos trabalhadores da Amazônia, que dava ao explorador o direito sobre a vida do índio, fois nessa fase que surgiu o Tenente Rondon, o homem que humanizou o índio no Brasil; essas relações de tribo com tribo é uma opção puramente dela, não conheço nenhum antropólogo que tenha a experiência de tanta arte que possa negar ou recomendar esse processo de relações; o que em verdade nós temos dos nossos índios principalmente da sua cultura são rápidos arranhões, nada em profundidade, o índio continua sendo um desconhecido; a nossa participação nos trabalhos junto aos índios principalmente os Panará, nunca tivemos apoio de orientação por parte do órgão, aliás, o velho serviço de proteção aos índios criado por Rondon em 1910 não tinha no seu corpo de colaboradores nenhum quadro importante de estudiosos de antropologia, tanto assim que os poucos trabalhos que nós temos sobre o assunto foram feitos por pesquisadores de fora, nunca foi preocupação do órgão dentro da sua política indianista a orientação ou normas de comportamento dos encarregados com as nações indígenas. NADA MAIS. Lido e achado conforme, vai devidamente assinado. Eu, (Eliane V. S. Fraga), Auxiliar Judiciário, datilografei.

JUIZA FEDERAL:
[Assinatura]

TESTEMUNHA:
[Assinatura]

ADVOCADOS DA COMUNIDADE INDIGENA AUTORA:
[Assinatura]

ADVOGADO DA FUNAI:
[Assinatura]

PROCURADORA DA UNIÃO FEDERAL:
[Assinatura]

REPRESENTANTE DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL:
[Assinatura]



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Fis. 140
Rubrica

TERMO DE DELIBERAÇÃO

Pela MM. Juíza foi dito que: 1) Homologar a desistência da oitiva da testemunha Cláudio Villas Boas. 2) A meio da audiência a Juíza permitiu que a testemunha ditasse seu depoimento para agilizar os trabalhos e poupá-la, com o que concordaram as partes presentes. 3) Devolvam ao MM. Juízo deprecante com as formalidades de praxe e nossas homenagens. NADA MAIS. Lido e chido conforme, vai devidamente assinado. Eu, (Eliane V. S. Fraga), Aux. Jud., datilografei e subscrevi.

JUIZA FEDERAL:

R. S. Blota

ADVOGADOS DA COMUNIDADE INDÍGENA AUTORA:

PROCURADORA DA UNIÃO FEDERAL

ADVOGADO DA FUNAI:

REPRESENTANTE DO M.P.F.:

INSTRUMENTO DE PROCURAÇÃO "AD JUDICIA"

fronte - 2.
23/11/95

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO-FUNAI, instituída nos termos da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, com sede e foro em Brasília, DF, no SRTVS, Quadra 702, Projeção A, Edifício Lex, 9º andar, CEP 70.240-904, representada por seu Presidente, Sr. MÁRCIO JOSÉ BRANDO SANTILLI, na conformidade das disposições contidas no item IV do artigo 21 do Estatuto aprovado pelo Decreto nº 544, de 8 de junho de 1992, nomeia seu procurador HUMBERTO ADIB NEME, Advogado do Quadro de Pessoal Permanente da FUNAI, inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil sob o nº 35705/SP, com os poderes da Cláusula "ad judicium" de que tratam os parágrafos 2º do Artigo 5º da Lei nº 8.906, de 04 de julho de 1994.

Brasília-DF, _____ de _____ de 1995.

MAURICIO BRAGA
Cartório - Mauricio. Leal

M. Santilli
MÁRCIO JOSÉ BRANDO SANTILLI
Presidente

1º OFÍCIO DE NOTAS MAURICIO LEAL
C.R.S. 504 BLOCO A LOJA 18 FONE:3213334
BRASÍLIA-DF
RECONHECO e dou fe' por AUTENTICADA a/s
firma(s) de
10108358-MÁRCIO JOSÉ BRANDO SANTILLI
P/P/ FUNAI - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO.
EM TESTEMUNHO DA VERDADE
BRASÍLIA, 26/Setembro/1995
07-CEZARILDO C. OLIVEIRA/EDUARDO J. NOTAS
JOÃO BATISTA DE PAULA
ESCREVENTES AUTORIZADOS

PG/mgm

São Paulo. 12 de Fevereiro de 1995



Exmo. Sr. Procurador

Dr. Marcelo Luiz Castro Rodopiano de Oliveira

Em face das ^{chuvas} incessantes que vem castigando esta cidade, os serviços, principalmente públicos, sofreram um impasse atingindo principalmente o Correio. Daí o termos recebido a comunicação desse Departamento sómente no dia 10.

As primeiras notícias da existência e localização dos índios KRAHACARORE foi quando do nosso trabalho na abertura de um campo piloto na Serra do Cachimbo em 1949/50 por determinação da Presidência da FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL- Gen. FRANCISCO BORGES DE OLIVEIRA (orgão que sempre pertencemos) e do Brig. EDUARDO GOMES -Diretor das Rotas Aéreas do Ministério da AERONÁUTICA.

Era precaríssima a nossa situação naquela oportunidade

em virtude do número de participantes- os Villas Bôas-Leonardo, Claudio e Orlando mais um índio adulto e um menino, ambos da nação Kayabí. Nessa época o extenso Vale do Rio Telles Pires ou S. Manoel era totalmente dominado pelos índios Kayabí e Ipeuí(hoje Krahacãrore), embora inimigos entre si. O domínio era tão severo que não havia um só civilizado no largo Vale quando da chegada da nossa Expedição(Roncador Xingu), nos começos de 1950. A atração Kayabí era inevitável, pois havíamos de abrir campo de pouso na área afim de preparar o salto para a Serra do Cachimbo. Não foi difícil a paz com esses índios. Pequenas surpresas e tropeços foram vencidos. Um ano depois quando ainda andávamos pelo Cachimbo soubemos que o Vale na sua parte mais alta já contava com a presença de civilizações esboçadas. Algumas Vilas estavam sendo Invasão incontrollável, pois de há muito tempo a região vinha sendo cobiçada. Preocupados com a inva



são os Kayabí por a_lta recreação resolveram abandonar o Vale utilizando os nossos picadões(200 kms. de mata e outro tanto descendo o Rio Maritsauá) para se aldearem no Xingu onde ainda permanecem depois de 45 anos. No Vale Xinguano onde já viviam mais de 10 nações indígenas falando uma dezena de línguas diferentes foi criado o PARQUE NACIONAL DO XINGU em 1961.

Durante a nossa permanência na Serra do Cacchimbo que durou pouco menos de um ano, sentíamos a todo momento a presença dos índios -Ipeuí ou Krenhacãrore- que se revezavam na vigilância. Nunca nos hostilizaram, mas preocupavam-se em se manterem ocultos. A nossa liberdade era restrita. Não tínhamos acesso ao rio, nem aos campos. Sem pesca e sem caça era evidente a nossa crise alimentar. Fazíamos uma refeição por dia, paupérrima! Era mingüado o estoque de generos. Sabiam os da retaguarda que o campo ia demorar e os nossos aviões que eram pequenos não tinham ânimo para sobrevôos.

Dentro dos planos do Poder Central de expansão para o Oeste e para o Norte estava a CUIABÁ-SANTARÉM. Os trabalhos da nova estrada foi entregue ao 9º BEC aquartelado em Cuiabá e para conduzi-los foi designado o Cel. Meireles. Quando a ponta da estrada começou a se aproximar do Rio Peixotó de Azevêdo, sabidamente área indígena, o Ministério do Exército através do 9º BEC solicitou a colaboração da FUNAI. Nessa altura estávamos envolvidos com o Parque Nacional do Xingu, órgão anteriormente ligado diretamente à Presidência da República, mas que foi incorporado à FUNAI.

Fomos nós - Villas Bôas - os indicados pela Fundação



para participar da nova frente em vista do nosso conhecimento da região. A presença do operoso Cel. Meireles fez com que aceitássemos a missão, pois de antemão sabíamos ser árdua pelo elevado número de trabalhadores. Não fossem as rígidas normas de conduta determinadas pelo comandante Meireles aos seus homens, o trabalho teria sido mais penoso do que foi. Um só conflito surgiu quando o trabalhador BISPO num encontro inesperado com alguns índios se descontrolou e neles atirou. Em resposta, como não podia deixar de ser, foi atingido por uma certa flecha cujo socorro ficou ^{ber} mais caro do que um quilometro de estrada ! A área com a estrada aberta ao transito livre sem duvida alguma exporia o índio a um contacto indiscriminado com uma frente avassaladora. Por isso resolvemos atrai-lo o mais próximo possível das suas aldeias evitando assim a sua perambulação. Felizmente tudo foi conseguido num espaço de tempo pouco menos de um ano. E até que isso acontecesse seguramos, respaldados ^{pelos} índios que tínhamos Kayabí, Juruna, enfim, xinguanos - a entrada do Rio Peixoto de Azevedo.

A atração estava concluída. A estrada, com toda a sua gente, estava além do alto da Serra, os índios em paz e a área não invadida quando entregamos o setor à FUNAI. O PARQUE NACIONAL DO XINGU reclamava a nossa presença. O setor continuou com a mesma designação - FRENTE DE ATRAÇÃO que vinha desde o começo das atividades. Em nossa substituição foram designados sertanistas experientes, outros não tão preparados, até cair no inominável Campinas.

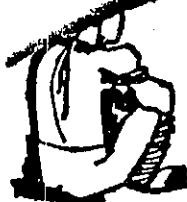
Convém lembrar que a Invasão do Peixoto de Azevedo começou após o nosso regresso para o PARQUE.



Milhares de garimpeiros que há muito namoravam a foz do Rio começaram a penetra-lo. Por sua vez a estrada aberta com trânsito livre convidava a invasão. Esse em verdade, vem sendo o processo de ocupação das áreas indígenas desde o Brasil Colonia. O avassalamento é incontido. Não fosse isso não teríamos hoje apenas 200 mil índios como remanescentes dos cinco milhões do Descobrimento. Hoje há mais de 20 Vilas e Cidades ao longo do Telles Pires e Peixoto de Azevêdo. Não é preciso ir longe para se ter uma idéia das diversidades das gentes que ocuparam a região. Em uma das cidades MATUPÁ 3 indivíduos que foram detidos como ladrões foram levados para a Praça Pública, untados com gasolina e queimados ante uma assistência festiva.

Quando no PARQUE tivemos noticias do que estava acontecendo com os Kranhacãrore no Peixoto de Azevêdo, fomos de opinião de que uma medida de emergência teria que ser feita. A remoção já que os índios concordavam era a mais acertada. Era a unica maneira de se resguardar do extermínio os remanescentes da tribo. Não foi uma resolução nossa, mas sim de um consenso, tanto assim que da solução participaram aviões da FAI -Correio Aéreo Nacional- e da Escola Paulista de Medicina.

Preporí- chefe Kayabí, cedeu sua aldeia com tudo que nela havia, inclusive plantações. Foi um ato magnânimo que a todos empolgou. Era lamentavel a situação Kranhacãrore. E isso está confirmado à pag. 16 do processo. A fome a malária grassavam na aldeia. A solução era uma só-remédio e comida. Isso havia no Parque. O desentendimento Kranhacãrepre-Kayabí, não foi bem confado. Os primeiros, os hospedes, não conheciam bem a mandioca-brava, única cultivada pelos índios. O acido



cianidrico.mortal nela contida, só é eliminado com demorada fervura. Ingeri-la apenas assada é morte certa. Estavam os Kranhacãrore assando mandiã:quando receberam a visita de alguns Kayabí. Estes tentaram avisá-los o perigo em comê-la dessa forma, mas não foram compreendidos. Alguma coisa havia de ser feita, pois alguns já iam começar a comer. Os Kayabí como última alternativa avançaram e arrancaram das mãos dos seus hospedes, aquelas que estavam para ser ingeridas e as outras que estavam assando jogando tudo no rio. Os Kranhacãrore tomando aquilo como agressão não se reconciliaram com seus anfitriões.

DESTAQUES

O que aconteceu com os KRANHACĂRORE é o que vem acontecendo ao longo do tempo com todos os nossos índios. É humanamente impossível conter uma invasão principalmente em áreas de garimpo onde a corrida sugere a formação da Corrutéla. A FUNA de hoje tanto quanto o SPI de ontem não tiveram e nem terão condições e nem recursos para sustar um tal movimento. A corrida dos "sem terra" é um arremedo longinquo de uma corrida garimpeira. O PARQUE NACIONAL DO XINGU vem sendo o abrigo dos índios escorraçados dos seus dominios. Quando tal coisa acontece e o índio começa a morrer não nos parece sensato preterir a providência para consultar alguém. Consultar quem? O Presidente da República que é o tutor do índio? As soluções de gabinete nunca são iguais aquelas que a realidade sugere. Ou assistiríamos os remanescentes Kranhacãrore se estinguirem pedindo socorro ou num movimento salvatório socorre-los, optamos pela segunda.

O PARQUE NACIONAL DO XINGU abrigou:



OS KRANHACARORE assistiram o seu mundo cortado por uma estrada cujo mal poderia ser controlado com Postos de assistência e segurança. Mas como ? Não pela estrada, mas pelo rio seus domínios foram invadidos por mais de 50 MIL GARIMPEIROS que ainda estão lá. Quem o culpado ? A UNIÃO ? A FUNAI ? Seriam os invasores cordatos, passíveis de entenderem o malefeito ? Porventura eram doces? Se o fossem não teriam untado de gasolina 3 indivíduos como ladrões e neles tocado fogo em praça pública ante o olhar condescendentes dos espectadores.

...
 Certo fizeram os KAYABÍ que abriram mão das suas áreas de domínio e se removeram por alta recreação? para o PARQUE. Eram bastante. Poderiam lutar, mas os intrusos eram muitos. Chegaram plantando Vilas e cidades. No Telles Pires eram no máximo 200. Hoje no PARQUE são aproximadamente 600.

...
Os NOVOS SUIÁ - Foram escorraçados do Rio Arinos. Na iminência de sucumbirem foram trazidos para o PARQUE. Vivem com seus parentes desde 1968. ...

[70]
 TXIKÃO - do Rio Jatobé - Alto Ronuro-foram surpreendidos com a invasão de suas aldeias, roças enfim, toda a sua área de influência foi invadida por centenas de garimpeiros. Pediram socorro. O que fazer consultar Brasília e aguardar ? Foram recolhidos ao PARQUE.

...
 Os JURUNA num passado mais distante foram tocados, perseguidos, tiroteados por seringueiros. Lembram e e ainda contêm a tragédia da ilha da Traição onde invasores presentearam-nos com farinha de mandioca com arsenico. Morreu a metade da tribo.

...
 Se o noso JUDICIÁRIO firmar jurisprudência amparando reivindicações de terras invadidas e na possibilidade de não conseguir indenizar, como as deste processo, não há dúvida que outras surgirão. Talvez até os Tupi do litoral Paulista reivindique o IBIRAPUERA.



Deus haja que o novo Governo que se inicia volte os olhos aos índios seus tutelados dando a FUNAI os recursos para que em seu nome possa exercer a tutela. Tutela esta esquecida na década de 80 abandonada na de 90 até ontem. Frustrante quando um Ministro da Justiça senhor do órgão que deve exercer a tutela declara (Brasília-6a.feira-24 Setembro 93 = " o governo não tem condições de demarcar área indígena)- " resolvemos o problema de 10 a 15 índios e criamos dificuldades para milhares de branco Frustrante e desalentadora a visão que muitos brasileiros tem do nosso índio. Para esses o Brasil começa no aeroporto de Brasília e morre no Paranaó.

...
Antes de encerrar-a história dos ingleses.

Não eram geógrafos a procura das cabeceiras do Rio Iriri, eram isso sim, 4 recém formados em Cambridge que estavam delirantes para aventura nas selvas brasileiras. Seria de mau gosto autoridades brasileiras contratassem ingleses para descobrir rios nossos. Nem brasileiros havia na história. Fomos nós os procurados por eles, através do líder do grupo -MASON. O roteiro que tinham feito feria área de índios arredios bravos. Explicamos a eles. Não se convenceram. Propuzemos um outro roteiro também em floresta virgem. Recusaram. O roteiro deles passou a ser obsessão. Desistiram do nosso concurso e arranjaram com a FAB passagem até a Serra do Cachimbo onde funcionava um Posto da FAB no campo que abrimos. Havíamos previsto depois de examinar cuidadosamente o roteiro escolhido, que a pequena e inespiciente expedição, no rumo pretendido seriam surpreendidos pelos índios entre o oitavo a nono dia de marcha. Não acreditaram. Entraram. No 8º dia Mason -o chefe do grupo- foi morto pelos índios.

...
Senhor Procurador dr. Marcelo L.C. RODOPIANO de Oliveira.

Perdõe a prolixidade da exposição. Achamos que um pouco da história da área dos índios seria útil. Peço não reparar na datilografia e nos senões. Fizemos tudo meio correndo.

Gostaria de saber se o oficial RODOPIANO que conheci tenente é seu parente.

Com todo o apreço

Orlando Villas Bôas

Não sei qual o pior o datilógrafo ou a máquina.